

# O Peregrino Indignado: Topias e Utopias do 15M<sup>1</sup>

Carles Feixa<sup>2</sup>

Maurício Perondi<sup>3</sup>

Guillermo Castro<sup>4</sup>

## Resumo

A peregrinação é um ritual religioso que consiste em fazer um percurso a pé ou mediante outros meios de transporte, individual ou em grupo, que tem como meta chegar a uma cidade ou santuário com uma conotação sagrada e com uma finalidade espiritual. Na Península Ibérica, o Caminho de Santiago de Compostela constitui a máxima expressão deste ritual, tendo se transformado hoje num referencial do turismo cultural. Este texto analisa outro tipo de peregrinação, cuja finalidade não é religiosa senão política: a Marcha Popular Indignada, que em julho de 2011 movimentou centenas de caminhantes desde a periferia até a Praça do Sol, no centro da capital espanhola, Madrid. Este “Caminho de Sol” é analisado com metáfora do 15M, o movimento dos Indignados, surgido na Espanha em maio de 2011, a partir de acampamentos de protesto na maior parte das cidades, que teve sua culminância com a chegada da Marcha no local onde se iniciaram os acampamentos: na Praça do Sol. Através do relato de Guillermo, um dos jovens que participou da Marcha, reconstruímos as origens, motivações e evolução deste movimento. Na conclusão, como forma de epílogo, fazemos um balanço do Movimento 15M, cinco anos após o seu início, quando um de seus herdeiros políticos, o Partido Podemos, acaba de chegar ao Parlamento com força, colocando fim ao *bipartidismo* que imperava até então.

**Palavras-chave:** 15M; Indignados; Marcha Popular Indignada; Movimentos Sociais; Peregrinação; Espanha.

<sup>1</sup> Versão traduzida do original em espanhol por Frank Marcon (e revisada por Carles Feixa e Maurício Perondi). As citações foram mantidas no original, assim como os nomes próprios. No curso do texto, no caso de algumas expressões em que a tradução poderia comprometer o sentido original, as mesmas foram mantidas na forma original e grafadas em *itálico*.

<sup>2</sup> Catedrático de Antropologia Social na Universidade de Lleida. feixa@geosoc.udl.cat.

<sup>3</sup> Doutor em Educação pela Universidade Federal de Rio Grande do Sul (Brasil). mauricioperondirs@gmail.com.

<sup>4</sup> Estudante universitário e ativista do 15M. gshermo@gmail.com.

# El Peregrino Indignado: Topías y Utopías del 15M

## Resume

La peregrinación es un ritual religioso que consiste en un recorrido a pie o mediante otros medios de transporte, individual o en grupo, que tiene como meta llegar a una ciudad o santuario con una connotación sagrada y con una finalidad espiritual. En la Península Ibérica, el Camino de Santiago constituye la máxima expresión de dicho ritual, convertido hoy en referente del turismo cultural. El presente texto analiza otro tipo de peregrinación, cuya finalidad no es religiosa sino política: la Marcha Popular Indignada que en julio de 2011 trasladó a varios centenares de caminantes desde la periferia hasta la plaza del Sol, en el centro de la capital del Estado, Madrid. Este “Camino de Sol” se analiza como metáfora del 15M, el movimiento de los Indignados, surgido en España en mayo de 2011 a partir de las acampadas de protesta en la mayor parte de ciudades, que tuvo su clausura con la llegada de la Marcha al lugar donde empezaron dichas acampadas: la plaza del Sol. A través del relato de Guillermo, uno de los jóvenes que participó en la Marcha, reconstruimos los orígenes, motivaciones y evolución de dicho movimiento. En la conclusión, a manera de epílogo, hacemos balance del 15M cinco años después, cuando uno de sus herederos políticos –Podemos- acaba de irrumpir en el Parlamento con fuerza, poniendo fin al bipartidismo imperante.

**Palabras-claves:** 15M; Indignados; Marcha Popular Indignada; Movimientos sociales; Peregrinación; España.

## Introdução<sup>5</sup>

Os Utópicos afirmam que a natureza mesma nos prescreve  
 uma vida agradável, isto é, o prazer como meta de todas as  
 nossas ações.  
 (Thomas More, *Utopia*, 1516).

Nós temos estabelecido peregrinações, relações comerciais  
 e embaixadas.  
 (Tommaso di Campanella, *La Ciudad del Sol*, 1623)

Organizamos excursões ou visitas às distintas cidades  
 principais do reino, onde, conforme passamos, tornamos  
 públicas as novas e úteis invenções.  
 (Francis Bacon, *New Atlantida*, 1627).

A cidade indignada é uma urbe ao mesmo tempo tópica y utópica. Na tradição filosófica renascentista, e também na socialista dos inícios do século XIX, a crítica da cidade realmente existente –da *topia*– se expressa em forma de cidade imaginária – de *utopia*. Os acampamentos surgidos espontaneamente desde o 15M na maioria das cidades espanholas tem algo de micro polis utópica, de lugar imaginário de onde o “prazer” –entendido como a busca de uma “vida agradável”, nos termos de Tomás Moro– é a meta de todas as ações, de onde se ensaiam outras regras de vida, outras maneiras de funcionar em sociedade, de onde tudo é se não possível ao menos imaginável. Porém ao mesmo tempo os acampamentos constroem micro polis tópicas, reais, humanizadas (e algo caóticas), onde poder viver durante algumas semanas, apropriando-se simbólica e praticamente das placas centrais das cidades, urbanizando-as precariamente, de forma muito distinta ao modelo da praça dura que floresceu na época da autarquia franquista –y também na do *boom* imobiliário,

<sup>5</sup> O presente texto forma parte do seguinte projeto de investigação: *La Generación Indignada. Espacio, poder y cultura en los movimientos juveniles de 2011: una perspectiva transnacional* (GENIND). 2013-15. Ministerio de Economía y Competitividad. [CSO2012-34415]. Uma primeira versão em espanhol está publicada no livro coletivo *#Generación Indignada. Topías y utopías del 15M* (Feixa & Nofre, 2013).

criando espaços de nada, marcando com fitas adesivas ruas e praças, lugares públicos e comunitários, conseguindo alimentos para subsistir, organizando assembleias e comissões, recebendo simpatizantes, visitantes e jornalistas, e comunicando o que acontece nas praças à cidade maior e ao mundo, cara a cara ou através das redes sociais, da cidade virtual.

Uma das mais célebres utopias renascentistas se chamou precisamente *A cidade do Sol*, e foi escrita pelo pensador italiano Tommaso di Campanella em 1623. Nela se descrevia uma cidade na qual governavam os filósofos, na qual se compartilhava tudo e na qual a desigualdade e o conflito social haviam desaparecido. No 15M, Sol é o protótipo de cidade indignada, de micro polis utópica que se converte em microcosmos, em representação a pequena escala do mundo, do pequeno mundo dos indignados madrilenos e espanhóis, e de grande parte dos movimentos por uma globalização alternativa. Em vista disso, a Cidade do Sol se converteu durante um mês no epicentro da nova Utopia que se pretende construir, ainda que seja de forma provisória e precária. Como descreve o testemunho de Vanesa Toscano, o acampamento era “uma pequena cidade” improvisada, porém muito organizada, com tudo o que as utopias renascentistas afirmam que deve ter uma cidade ideal: democracia participativa, igualdade, vida em comum, planejamento do espaço, divisão de trabalho, abolição da propriedade privada, etc.<sup>6</sup>

As utopias não são, sem embargo, ilhas ou lugares isolados. Moro, Campanella e Bacon as concebem como cidades exemplares que devem servir para “colonizar” primeiro seu entorno imediato e depois o resto do reino e do mundo. Isso se faz mediante o exemplo, porém também mediante o proselitismo. Campanella concebe uma delegação de profetas (peregrinos), comerciantes (mercadores) e políticos (embaixadores) que percorrem o reino

<sup>6</sup> As utopias de Moro, Campanella e Bacon estão agrupadas em um volume publicado com uma introdução de A. Imaz (VV.AA., 1980 [1951]).

para proclamar os progressos de *A cidade do Sol*. E Bacon propõe organizar *tours* ou visitas para difundir os avanços sociais e científicos de sua *Nova Atlântida*. Da mesma maneira, os Indignados do 15M imaginaram vários mecanismos para difundir sua Utopia por todo o Reino (o presencial e o virtual), porém também para recolher os problemas e queixas da sociedade da qual faziam parte. Um deles foi a Marcha Popular Indignada que aconteceu em julho de 2011.

## O Caminho do Sol

Caminhante não há caminho, o caminho se faz ao caminhar.  
A. Machado.  
(#marchapopularindignados, 25/07/2011)

Vamos devagar, porém vamos longe.  
(Bandeira da *Marcha Popular Indignada*)

No sábado de 23 de julho de 2011, Guillermo, um jovem estudante de Lleida<sup>7</sup>, que havia estado acampado desde que se iniciou o movimento em sua cidade natal, chegava a Madrid depois de percorrer durante duas semanas 315 km caminhando, em uma das 6 marchas que durante as últimas semanas haviam cruzado a Península Ibérica. A denominada Marcha Popular Indignada havia sido concebida como uma maneira original de efetivar a ocupação de centenas de praças em toda Espanha, e tinha como meta a Porta do Sol de Madrid, a primeira praça a ser ocupada, e onde se situa o km 0 de todas as rodovias nacionais. No caminho, que em certa maneira ia da Espanha urbana periférica ao centro, passando pela Espanha rural do platô, se pretendia recolher as realidades e necessidades da população e levá-las a ágora da democracia participativa. Em cada uma das etapas do percurso se convocavam assembleias e se recolhiam as demandas locais, que os caminhantes indignados iam recolhendo em um caderno,

<sup>7</sup> Cidade média do interior de Catalunha, Espanha.

com a intenção de entregá-lo no final do percurso ao Congresso dos Deputados.<sup>8</sup>

A experiência de grupos de pessoas caminhando desde distintas origens com um destino comum, evoca a clássica experiência antropológica da peregrinação religiosa, que na Espanha tem seu exemplo máximo no caminho de Santiago, que desde a idade média atrai milhares de peregrinos procedentes de toda Europa, e que nos últimos tempos se converteu num referente do turismo cultural global.<sup>9</sup> Quando interrogamos Guillermo sobre este paralelismo, ele se surpreende e nega o conteúdo espiritual, ainda que seu relato do Caminho do Sol, entre o esforço e a aventura, a fome e o cansaço, o diálogo com os acompanhantes e com a gente dos lugares por onde passam e dormem, a composição intercultural e internacional dos caminhantes, e a entrada final na Porta do Sol, qual praça do Obradoiro em um *finis terrae* em terra firme, parece o cumprimento de uma promessa cívica, a ritualização de uma apropriação festiva e ao mesmo tempo reivindicativa do território. A colonização de uma *terra incógnita* da que se havia tomado posse dois meses antes, o 15M, quando nas redes sociais o *hashtag* #spanishrevolution se fez *trending topic*. Guillermo estabelece uma distinção entre dois tipos de peregrinações: enquanto o Caminho de Santiago persegue uma finalidade individual (religiosa, existencial, cultural...), o Caminho do Sol persegue uma finalidade coletiva (escutar às pessoas, recolher os problemas dos povoados, renovar a democracia). Pode conceber-se como uma intenção de salvar a distância entre a cidade real e a cidade utópica, entre a

<sup>8</sup> Uma seleção dos cadernos foi entregue ao Congresso dos Deputados pelo deputado Llamazares na sessão de 27 de julho de 2011. É inevitável a comparação com os *cahiers de doléances* da Revolução Francesa de 1789, que os deputados recolheram por toda França e levaram à Assembléia Constituinte, nos quais se denunciava o mal governo e a perversão do feudalismo. Ainda que para Guillermo a comparação mais direta seja com os *diários de motocicleta* de Che Guevara, como notas mais distantes em termos geográficos, porém mais próximas em termos geracionais.

<sup>9</sup> A bibliografia acadêmica sobre o Caminho de Santiago é muito extensa. Citaremos somente uma boa reflexão antropológica, publicada exatamente no mesmo ano do 15M (Prat, 2011).

Espanha periférica e o centro, entre a Espanha urbana e a rural, entre a Espanha jovem e a adulta, entre os meios de comunicação de massas e o contato direto com as pessoas. Também como uma ritualização do fim da Cidade do Sol, uma despedida do acampamento visível e uma volta ao trabalho mais invisível nos bairros e nas realidades cotidianas.

Encontramo-nos com Guillermo no dia 1º de março de 2012 na faculdade onde estuda. Inicialmente nos avisa que chegaria atrasado, pois tinha ido a uma tentativa de despejo por falta de pagamento de hipoteca em um bairro operário de Lleida (que graças à solidariedade da plataforma Afetados pela Hipoteca, finalmente não se executou). A entrevista se desenvolve na sede do conselho de estudantes que nestes dias está muito ativo por conta da greve estudantil do dia anterior (os estudantes têm saído às ruas reivindicando a educação pública e em solidariedade pela repressão policial ocorrida em Valência). A sala está cheia de objetos da manifestação, banners, recortes de jornais e uma série de aforismos de distintos pensadores, que constituem em bom reflexo do magma ideológico que nutre o movimento: Saló, Kant, Marx, Bakunin, Durruti, Camus, Stirner, Malcom X, Chomsky, Porto Alegre, Atenas, etc. O acampamento em Lleida iniciou no 18M e se manteve até julho de 2011, pese a que foi o primeiro a ser desalojado pelas forças da ordem, ainda que em seguida voltassem a ocupá-lo. A parte mais interessante da entrevista se concentra na participação na Marcha Popular Indignada. Como modernos peregrinos laicos, os caminhantes indignados abriram caminho ao andar, percorrendo os povoados de Aragón e Castilla, fazendo-se eco das reivindicações populares (que Guillermo foi recolhendo num caderno). Em 22 de julho chegaram a Madrid e no dia 23 entraram esgotados e triunfantes na Porta do Sol, onde foram recebidos pelos indignados madrilenos.

Figura 1. Mapa das 6 colunas da Marcha Popular Indignada



Fonte: <http://decuyonombrenoquieroacordarme.blogspot.com.es/2011/07/paso-de-la-marcha-popular-indignada-por.html>. [Último acesso: 31/03/2012].

## O 15M numa cidade média

Chamo-me Guillermo e sou membro do movimento 15M de Lleida. Antes do 15M realmente não tinha estado em nenhuma organização, estive em vários voluntariados, fui monitor de crianças imigrantes para dar-lhes atividade extraescolar, depois estava numa associação para pessoas com deficiência física. Isto foi no bacharelado, depois me envolvi num ciclo formativo Superior



de integração social e através deste me envolvi com a questão social. Minha família é de classe média. Minha mãe é de Cuenca, meu pai de Cidade Real. Meus pais, por motivos de trabalho vieram para Lleida e bom eu nasci aqui. Sou o único catalão da família. Vivo no bairro de Cappont.

Bom, eu realmente iniciei com a campanha “No les votes<sup>10</sup>”, que foi uma mobilização realizada pela Internet. Aqui não tinha contato absolutamente com nada, então me movimentei um pouco só, um pouco por minha conta, colocando cartazes pela faculdade, conscientizando as pessoas, fomentando votar em partidos minoritários ou o voto nulo, é o que se pedia, para evitar o bipartidarismo. Aqui em Lleida o 15M não iniciou no dia 15 de maio. Eu estive seguindo através da Internet o que passou na Porta do Sol. No dia 15, em Lleida, houve uma manifestação, porém não começou o acampamento, o movimento 15M não iniciou neste dia, aqui em Lleida. Depois, a raiz do que passou na Porta do Sol, do desalojamento que fizeram, no dia 16 ou 17 começamos a mobilizar-nos pela rede. Eu comecei a buscar pelo Twitter e Facebook a ver se havia alguém aqui em Lleida movendo-se para fazer algo, um acampamento, porque todas as cidades haviam começado a mobilizar-se em solidariedade com o que havia passado na Porta do Sol. Dei-me por buscar no Twitter, busquei por casualidade “#acampadalleida”, e vi que havia gente que dizia: “Ostras ¿por qué no montamos una acampada en Lleida?”. E aí me coloquei: “Sí, sí, vamos a movernos”. Estivemos aí falando várias horas e decidimos montá-lo. Utilizou-se o Facebook para fazer a difusão, porém pessoas organizando por traz foi pelo Twitter, sobretudo. Eu não conhecia absolutamente ninguém. Depois, como estivemos aí no acampamento, pela foto do perfil me soavam um pouco: “Ah tu eres tal” “Sí, sí”. O Twitter funciona por *hashtag*, então tu pões aí um tema #acampadasol, tu falas o que queres e todos os que estão falando deste tema, deste *hashtag*, te aparecem. O nosso era #acampadalleida. Tudo o que

<sup>10</sup> “Não vote neles”.

falávamos: “Ah vamos a hacer una acampada”. E todas as pessoas colocavam uma mensagem aí, através desse *hashtag*. Posteriormente, sim, que se começa a fazer grupos, no Facebook, no Twitter, para organizá-lo um pouco melhor. Porém realmente tudo iniciou com este #acampadalleida. As pessoas se somaram a título individual, e com um pouco de gente o organizamos e no dia 18 acampamos aí. Seguíamos um pouco o que faziam eles [na Porta do Sol e na Praça Catalunha], porém não igual, pois não era tão multitudinária como a deles.

## #AcampadaLleida

Eu não conhecia absolutamente ninguém com quem estava falando, com quem o estava montando, porém estava decidido a fazê-lo e o fizemos. Estive com uma garota, ~~ela~~ não sei se é advogada exatamente, porém conhecia todo o tema legal, fomos ~~para~~ assinar para fazer uma blindagem legal para a acampada. Isto implicava ter três assinantes, eu era um deles e esta blindagem legal [nos permitia] estar de forma legal acampados na [praça] Ricard Vinyes, sempre e quando houvesse um mínimo de dez pessoas e que houvesse 3 ou 4 pessoas que controlassem para que não houvesse confusões. E bom, estive com esta garota, assinamos a blindagem legal, a imprimimos e eu a entreguei ao *Ayuntamiento*.<sup>11</sup> Não sei se foi neste mesmo dia ou no seguinte, fomos à manifestação da *UGT y Comisiones Obreras*.<sup>12</sup> Pois nesta mesma tarde, justo depois da manifestação, convocamos às pessoas às 8h, a quem quisesse acampar... Isto foi no dia 18, creio. Nós queríamos fazê-lo na segunda-feira, porém vimos que era muito precipitado, necessitava difusão e bom, vamos fazê-lo no dia 18 [quarta-feira]. Fizemos difusão em sala de aula, numa ex-

<sup>11</sup> Câmara Municipal.

<sup>12</sup> *UGT-Unión General de Trabajadores* e *CCOO-Comisiones Obreras* são os principais sindicatos do país. O primeiro tem inspiração socialista e o segundo tem inspiração comunista em suas origens.

posição de um trabalho proveito e digo que vamos fazer uma acampada, coloco um cartaz #acampadalleida. Pois, neste mesmo dia decidimos fazer uma assembleia geral e depois quem quisesse ficar a acampar, que levasse seu saco de dormir, esteira e bom eu levei todo meu equipamento. De todas as pessoas que estavam na manifestação, houve bastante gente que veio [à assembleia, porém] disposta a dormir foi pouca na realidade.

Houve uma série de pessoas que disseram que haviam estado olhando vários locais e que o melhor lugar para fazer um acampamento [era a praça Ricard Vinyes]. Era bastante central, bastante amplo. Havia outros locais quem sabe melhores, com mais sombra, porém eram muito distantes, e nos interessava que fosse o mais central possível. Eu era a primeira vez [que acampava] em uma cidade. Bom, na realidade fiz *Interrail*<sup>13</sup> e dormir em uma estação sim que estive dormindo, porém como isto não o havia feito antes. Depois fizemos assembleia, as pessoas não estavam acostumadas com as assembleias. Havia um montão de gente como eu, que nunca havia estado desta maneira reunida aí no solo, em círculo, por turnos de palavras... [Foi] um pouco caótico, porém uma boa experiência. Havia muitos jovens, também muita gente mais velha, porém acampados, gente que ficara a dormir, éramos todos jovens. Dormindo aí na praça, quem sabe na primeira noite éramos uns 20 ou 30. [Nas assembleias] muitos, quem sabe umas 200 ou 300 pessoas, toda a praça estava cheia. Recordo que chegamos às 8h para fazer a assembleias e depois a gente se foi indo e ficamos os que levávamos esteira e saco de dormir. Foi algo montado por nós e não era de nenhum sindicato e ver uma coisa que há montado tu e ver aí um monte de gente, sem a presença de uma organização sólida, senti bastante emoção.

Organizamo-nos por temas, desde o primeiro dia. Dividimo-nos em grupos, de interessados em política, em educação, despejos,

<sup>13</sup> Desconto em viagens de trem para jovens, que permite percorrer toda a Europa durante um mês.

sistema eleitoral e não me recordo o que mais havia. Eu fui com o grupo de educação, já que estava fazendo pedagogia. Foi muito caótico no princípio, porém serviu para falar de tudo, de política, como nunca se havia feito antes, que só se havia ficado numa conversa no bar ou em qualquer local, porém se organizar para falar sobre aquilo, não o havia visto nunca. No princípio eram assembleias que ocorriam de forma independente, se aproveitava as assembleias para trabalhar temas, depois fizemos um consenso de mínimos, cada dia havíamos de sair com um consenso de mínimos para enviar a Porta do Sol e trabalhamos a partir daí, o que eram três pontos básicos: a reforma do sistema eleitoral para evitar o bipartidarismo, depois o tema bancário, das hipotecas e não me recordo de outro ponto agora. Bom, estivemos montando a equipe, concordando em que pontos todos estavam de acordo, em que pontos não. Houve muitos problemas porque houve gente que queria tirar das assembleias para seu benefício, sobre tudo com os independentistas<sup>14</sup>, porque aí logicamente não era a luta para isto. Havia gente que queria fazer uma comissão de autodeterminação, porém conseguimos que ao final se foram porque ali não tinha cabimento, é como se houvesse grupos de comunistas ou de anarquistas; queríamos buscar aqueles pontos que nos uniam a todos e custou muitíssimo, custou muitas assembleias, para concordar três pontos mínimos que nos unissem a todos; houve gente que se chateou. Bom, as assembleias funcionavam assim.

Havia um grupo que se dedicava à organização do acampamento. Havia uma comissão de alimentação, que eram os que se encarregavam da logística da comida e de preparar a jantar. Eu estava nesta comissão e na de limpeza, que eram os que se encarregavam de deixar a praça limpa, com várias vassouras, depois das assembleias varriam, limpavam tudo, se asseguravam que a cozinha mantivesse umas condições mínimas de higiene. Também havia uma comissão de comunicação, de difusão. Cada um ia pelo

<sup>14</sup> Pessoas que desejam a independência da Catalunha da Espanha.

que sabia fazer melhor ou pelo que lhe interessava. Era fins de maio, princípios de junho, houve, sobretudo, toldos pendurados em postes de iluminação, para fazer um pouco de sombra durante o dia, porque tinha que haver durante as 24 horas alguém aí, barracas de campanha em realidade não houve muitas: os que podíamos dormíamos dentro da estrutura e depois, nos terraços também se punha gente, barracas de campanha não houve até depois... Vinha sobretudo gente que simpatizava com o movimento e nos trazia bolsas de comida, nos dava ânimo, nos dizia: “¡Venga, seguid con la lucha, estamos con vosotros!”. Sobretudo pessoas mais velhas, iam comprar no OpenCor, que estava ao lado, compravam bebida, comida, havia tanta comida que não a podíamos acabar. Compramos algumas geladeiras para guardar a comida fresca e era brutal toda a comida que havia aí. Eu gosto de cozinhar e me pus na cozinha a preparar os jantares e tudo.

## O desalojamento e o final do acampamento

No princípio se faziam as assembleias a cada dia, até que se levantou o acampamento, não me recordo que data foi. Antes que nos desalojassem, estávamos pensando em levantá-la porque éramos sempre os mesmos, estávamos todos cansados e já nos estava afetando nossa vida pessoal e já havia cumprido sua função: “Seguimos con las asambleas, pero la acampada la levantamos”. Porém justamente ao dia seguinte de decidir aconteceu o desalojamento<sup>15</sup> e como houve uma resposta policial tão brutal, que motivou uma manifestação improvisada de 2.000 ou 3.000 pessoas, pois dissemos: “¡Adelante: continuamos con la acampada!”. [O desalojamento] foi bastante brutal. Apareceu a polícia sem nos dizer absolutamente nada do por que estavam aí, e nós

<sup>15</sup> O despejo dos acampamentos de Lleida e Barcelona teve lugar na sexta-feira 27 de maio de 2011. Ao ser os primeiros desalojamentos violentos, tiveram grande repercussão nos meios de comunicação. <http://periodismohumano.com/sociedad/libertad-y-justicia/desalojo-de-la-acampada-de-barcelona-y-lleida.html>. [Último acesso: 31/07/2012].

por prevenção fizemos um círculo, uma cadeia humana ao redor do acampamento, nos demos os braços, sem saber o que ia passar porque não nos notificaram o porquê estava ali a polícia. E bom já começaram a nos arrastar por terra, alguns a golpear-nos, a recolher tudo o que havia por aí: portáteis, sacos, mochilas, o carrinho de lixo, a tirar-nos tudo. Eu os pedi aos policiais que a comida pelo menos nos deixassem que a levássemos a um espaço social, que havia muita comida em bom estado, que não tirassem a comida, por favor, porém não fizeram caso e foi tudo ao lixo. Também tínhamos um montão de assinaturas, tínhamos um manifesto com assinaturas das pessoas que iam passando pelo acampamento e iam assinando, e tudo se foi ao lixo. Também o dinheiro que tínhamos, de doações que iam fazendo as pessoas, me parece que se recuperou, porém ao final desapareceu igualmente, não pela polícia senão por uma pessoa que aproveitou este momento para levar o dinheiro. Tiraram-nos arrastados dali. Já depois nos inteiramos de que estavam aí por uma questão de higiene e que queriam limpar simplesmente. Quem sabe houvesse podido dizer-nos: “Dejadnos levantar la acampada, dejad limpiar”. Porém ninguém nos disse nada, simplesmente entraram aí à força. Em Barcelona sim que foi a polícia e os disseram que só queriam limpar e depois sim que as pessoas resistiram, fizeram barreiras e passou o que passou. Aqui em Lleida não nos notificaram, só depois, quando já estávamos todos pelo chão. Eu tive sorte, a mim só me acertaram os braços, me arrastaram e me atiraram fora; porém houve gente que ficou com feridas, acertaram o pescoço, e ao final houve duas pessoas na delegacia, que ficaram detidas.

Depois do desalojamento, fomos para frente da delegacia de polícia fazer pressão e aí já foi também um pouco de pânico porque a polícia nos cercou ao grupo que fomos aí protestar para que eles liberassem aos que haviam detido, a polícia antidistúrbios saiu e bloqueou o caminho para que não pudéssemos sair. Estivemos aí umas 3 ou 4 horas cercados sem poder sair nem fazer nada. Depois até que os soltassem, declarassem e saíssem

da delegacia, as pessoas voltaram à praça, comemos todos juntos, nos trouxeram o que havia ficado da comida que tínhamos aí na comissão de alimentação comemos. Essa mesma tarde, fizemos uma macro manifestação de 2.000 pessoas. E decidimos: “Vamos a volver a montar la acampada”. Algumas pessoas compraram alguns toldos... E justo aquela noite voltamos a ser os de sempre, um montão de gente, inclusive mais que no princípio. Continuamos vários dias mais, até não sei que dia de junho, o 15J creio. Ficamos uma semana ou duas, porém houve um momento que já havia muito pouca gente disposta a dormir aí toda noite. Havíamos dado já uma resposta y decidimos levantar o acampamento e continuar com as assembleias.

## A Marcha Popular Indignada

A Marcha Indignada foi em julho.<sup>16</sup> Fazia tempo que se estava falando de organizar uma marcha, com várias colunas por toda Espanha, que se fossem juntando para chegar todas à Madrid. Havia uma coluna noroeste, nordeste, sudeste, sudoeste... não me recordo quantas havia. Foi pela Internet, sobretudo. E, bom, chegou a Lleida, se começou a falar, havia gente que dizia que sim, a mim em princípio me parecia uma loucura: “Sí, vamos, 300 km” “¡Es mucho eh!” “Bueno -dije- ya me lo pensaré”. E quando chegou o momento de decidir-lo, em uma assembléia: “A ver, ¿cuanta gente está dispuesta a ir a Madrid caminando?”. E bom, ao final, em um momento de loucura, disse: “Venga, yo sí”. Em princípio havia pelo menos seis pessoas que queriam fazer a coluna desde Lleida. Queríamos faze-la desde Lleida, logo juntarmo-nos com os de Zaragoza e paralelamente com os de Barcelona, juntarmo-nos todos em Torrejón, e chegar à Madrid

<sup>16</sup> A marcha tinha que chegar a Madrid no sábado 23 de julho de 2011, pelo que saiu dos distintos acampamentos umas semanas antes. Segundo a *Hoja de Ruta de la Columna* que saiu de Zaragoza (denominada *Ruta N-II* pela rodovia nacional que seguia), a marcha saiu na quinta-feira 7 de julho e se prolongou durante 16 dias pelos caminhos de Aragón e Castilla (Ver Figura 2).

com várias colunas. Esta era a ideia principal. Éramos seis pessoas dispostas e estivemos falando para fazê-lo viável, porque havia que atravessar os Monegros, é um deserto que está aqui ao lado, antes de Zaragoza, não há nenhum local onde parar, em um dia ou dois se pode fazer, porém era uma loucura atravessá-los em julho. E bom ao final uma pessoa disse não, outra não, e finalmente fiquei só eu, o único disposto a fazê-lo. Eu não tinha nem a experiência nem a capacidade para chegar à Zaragoza só. Assim que me deram a opção: “Pues mira, los de Zaragoza van a salir unas 50 personas, vas en tren hasta Zaragoza y te vas con ellos”. Disse que sim, porque acreditava que era importante que saísse alguém da acampada de Lleida. Pus-me a preparar a mochila e o dia, não sei exatamente qual foi, em julho, pois fui de trem à Zaragoza, não conhecia a nada, em plena aventura. Uma pessoa foi me receber e chegamos a uma assembleia de bairro e me apresentaram à outra pessoa que ia acompanhar-me, que das 50 pessoas havia restado uma: um asturiano que estava aí em Zaragoza trabalhando. Eu fiquei sem saber se pegava um trem e voltava, porque duas pessoas era uma loucura. Bom, falei com o cara e decidimos “¡Vamos a intentarlo!”. Este dia houve um acampamento em Zaragoza em solidariedade com os marchantes. Esta mesma noite apareceu outro cara, que havia se retirado da marcha de Barcelona e se juntou conosco, fazendo *autostop*. Bom, já éramos três pessoas dispostas a chegar até Madrid.<sup>17</sup>

No dia seguinte, às 6h da manhã nos levantamos do acampamento, que estava em uma espécie de castelo que havia aí, houve gente que nos acompanhou até *La Muela*, que era o primei-

<sup>17</sup> Segundo o *Blog de la Ruta*, a assembleia teve lugar na quarta-feira 6 de julho: “Hoy, miércoles, a las 19:00 horas hay una asamblea de barrio en La Almozara, en la plaza de las Alcahuetas. Tras la asamblea, hacia las 21:00 horas, habrá un encuentro en el parque de La Almozara, al lado de la Aljafería, donde pernoctarán participantes y simpatizantes de la marcha. Y a las 7:00 horas de mañana jueves, se iniciará la marcha camino de Madrid” (6 julio, 2011 7:21 am). <http://marchapopularindignada.wordpress.com/ruta-noroeste-2/ruta-zaragoza/>. [Último acceso: 31/07/2012].



ro ponto. Tentava-se encontrar um local onde poder dormir e proteger-nos e nos diziam “Pueden ir por ahí, hay un poco de campo”. Havia gente que nos acompanhava, sobretudo pela logística. O cara de Barcelona levava uma barraca, o cara de Zaragoza e eu dormimos no tempo, passamos um pouco de frio, porém bem. Aí já ficamos os três sozinhos. [O primeiro dia] foi o mais horrível de todos, que nos perdemos pela rodovia desde *La Muela* a Épila. No princípio tínhamos que ir por um local, porém nos perdemos porque fomos sem mapa e sós com as indicações que nos iam dando por telefone desde Zaragoza; e bem, nos perdemos, tivemos que cruzar a autopista, caminhar um montão, já não sabíamos se íamos pelo caminho correto ou não, se tínhamos que voltar, ficamos sem água, em uma etapa de uns 30 km, fizemos uns 50 e ainda por cima pelos lugares que não havia nada, nenhum bar, nenhum posto de gasolina onde parar, não sabíamos se seguíamos por aí ou votávamos para trás, foi um pouco desesperador. Porém ao final, depois de umas 6 horas caminhando, conseguimos chegar, quase esgotados, não podíamos nem caminhar. Bom, pudemos chegar, organizamos uma assembleia com a gente dali, inclusive veio o prefeito àquela assembleia, esteve muito bem, falamos com a gente e houve duas pessoas daquele local que se somaram conosco, com isto já éramos 5 pessoas naquele momento. Outra gente se ia juntando, faziam uns quantos quilômetros para acompanhar-nos. Bem, ao dia seguinte fomos ao seguinte ponto e fomos assim organizando assembleias...

Nestes locais não havia movimento 15M: a não ser que desde Zaragoza fizessem vínculos, tínhamos que fazer enlaces com a gente de cada povoado, ter ao menos um contato e bom tentar organizá-lo; depois a furgoneta que levava o tema logístico chegava ao povoado, colocava cartazes por todo o local, dizia que haveria assembleia na praça tal às 8 h. Então nós chegávamos caminhando e já a tínhamos mais ou menos montada. Quando chegávamos havia gente que nos recebia, nos dava de comer, nos ofereciam ir a sua casa para dar-nos uma ducha, e sim que

o agradecíamos, porque aquela etapa foi muito dura.<sup>18</sup> Depois fazíamos uma assembleia, dormíamos onde nos deixavam: se o *ayuntamiento* nos facilitava um local, um pavilhão, qualquer local, pois dormíamos ali. Havia *ayuntamientos*, do PP<sup>19</sup> sobretudo, pois que não [nos facilitavam alojamento], então nós tínhamos que dormir na rua. Sempre havia gente que nos povoados, depois das assembleias, se animava e diziam: “Los acompaño al siguiente pueblo”, para que não nos passasse como a vez que nos perdemos pela autopista, que foi uma loucura. Então, havia gente que para não ir pela rodovia nos conduzia por estradas secundárias, basicamente dependíamos da bondade das pessoas... Caminhar pelo asfalto é muito, muito, muito duro, sobretudo no verão. Os joelhos ficavam machucados, os pés queimados. E depois havia gente que nos dizia: “[Hay] un camino paralelo a la autopista, puedes ir por aquí”. Nos acompanhavam, nos davam indicações, um pouco isto.

Outra vez sim que fizemos 50 km ou talvez mais, fizemos duas etapas em um dia, porque chegamos a um povoado, não me recordo como se chamava, próximo já [a Madrid], dentro de Castilla - La Mancha. E naquele povoado não houve maneira de mover assembleia, o prefeito não nos proporcionou nenhum local, não sabíamos o que íamos fazer, vimos que não servia para nada estar aí, e neste mesmo dia decidimos fazer a etapa que nos tocava fazer no dia seguinte, para poder chegar um dia antes à Guadalajara e ter dois dias para descansar, porque na verdade nos fazia muita falta. Houve duas pessoas que acabaram lesionadas, sobretudo nos pés, por sobrecarga muscular e acabamos fazendo esta etapa em dois. Uniu-se a nós uma garota francesa, desde a França começou a seguir o movimento e estava tão interessada que ao final pegou um ônibus e veio à Espanha para fazer a marcha. Ao princípio se ia a

<sup>18</sup> O blog da rota está cheio de mensagens de apoio como a seguinte: “Puedo aportar comida, material sanitario, sitio para dormir o ducharse, etc. Por favor, si necesitáis cualquier cosa pedírmela” (mensaje del 19 julio de 2011). <http://marchapopularindignada.wordpress.com/ruta-noroeste-2/ruta-zaragoza/>. [Último acceso: 31/07/2012].

<sup>19</sup> Partido Popular (conservador) no governo.

juntar com Barcelona, que era a mais famosa, a nossa era na realidade muito pouco conhecida porque eram duas pessoas ou três e viu que quem sabe era mais interessante porque era mais íntima, ao final éramos como uma família e, bom, se juntou conosco. Estar tantos quilômetros e tão juntos, sempre a mesma gente, ficamos como uma família, todavia seguimos em contato, sigo indo à Zaragoza a visita-los. [Falamos de] mil coisas, aprendi muitíssimo com todos. Também se juntou a nós um homem com 78 anos, Antonio, chamava-se, nos acompanhou um bom trecho. Aquele homem era espetacular: ia com seu bastão, inclusive nos metia pressa. Em algum momento teve que voltar porque teve um problema familiar, porém depois se voltou a juntar e chegou a Madrid conosco também. Marcou-me este homem. [Era] de algum povoado de Aragón, não me recordo como se chama. Há nos convidado a ir, porém não tenho podido, todavia.

**Figura 2.** Itinerário da *Ruta N-II* da Marcha Popular Indignada

Etapa	Fecha Prevista	Origen	Destino	Kms. Etapa
1	06/jul			
2	07/jul	Zaragoza	La Muela	29,8
		La Muela	Épila	
3	08/jul	Épila	La Almunia de Doña Godina	28,6
4	09/jul	La Almunia de Doña Godina	El Frasno	20,2
5	10/jul	El Frasno	Calatayud	22
6	11/jul	Calatayud	Ateca	17,6
7	12/jul	Ateca	Ariza	26,7
8	13/jul	Ariza	Arcos de Jalón	26,7
9	14/jul	Arcos de Jalón	Medinaceli	21,3
10	15/jul	Medinaceli	Alcolea del pinar	19,1
11	16/jul	Alcolea del Pinar	Sigüenza	23
12	17/jul	Sigüenza	Mirabueno	23,5
	18/jul	Mirabueno	Trijueque	31,5
	19/jul	Trijueque	Guadalajara	24,1
13	20/jul	Guadalajara	Alcalá de Henares	24
14	21/jul	Alcalá de Henares	Torrejón de Ardoz	13,1
15	22/jul	Torrejón de Ardoz	Madrid	28,9
16	23/jul	Madrid	Madrid	23

Fonte: <http://marchapopularindignada.wordpress.com/ruta-noroeste-2/ruta-zaragoza/>. [Último acesso: 31/07/2012].

## Escutando os problemas das pessoas

Muita gente [comparava a marcha com o caminho de Santiago], porém o caminho de Santiago tem conotações religiosas. E eu não o tomei como um caminho de Santiago, senão como uma marcha com muito mais sentido que ir à Santiago, era ir povoado por povoado escutando aos problemas da gente que havia em cada povoado; eu levei uma caderneta e ia anotando tudo o que se falava nas assembleias, sobretudo fomentar as assembleias em cada povoado, porque havia povoados tão pequenos que não sabiam nem o que era 15M nem quem éramos nós: “¿Quiénes sois? ¿Qué queréis?”. E foi superimportante poder recolher e poder levar todos os problemas que havíamos recolhido a Madrid, se fez uma lista de todos os problemas que havia em cada povoado, sobretudo temas de soberania alimentar, pois tenho ouvido a muitos camponeses que não cobriam nem os custos da produção, este era o maior problema que havia, depois da especulação, de caciquismos, escutamos cada jogada que era impressionante.

Houve de tudo. Houve gente, sobretudo muito agradecida, que nos acolhia, nos levava a sua casa para dar-nos de comer, a dar-nos um banho, e gente que nos insultava, que ia às assembleias para basicamente rompê-las, pois houve de todo. Creio que o maior sentimento de apoio que tivemos quem sabe foi em *Calatayud*, que aí nos recebeu uma garota, nos acompanhou até um pavilhão, haviam alugado o pavilhão para nós, haviam preparado comida quente, um montão de bebida, ou seja, foi brutal, havia um montão de gente aí aplaudindo-nos e quem sabe foi onde nos sentimos mais a gosto parar aí, descansar um pouco, comer algo quente porque sempre comíamos o que podíamos, o que comprávamos no supermercado, ou o que nos davam, um sanduíche ou o que pegávamos por aí e o agradecíamos muitíssimos. Houve gente que dizia: “Pues sí, venid a mi casa, os ducháis, no sé qué, laváis la ropa”. É que em *Calatayud* também havia movimento do 15M, havia gente simpatizante e nos deram umas boas vindas da de rechaço: chegar a um povoado onde gover-

nava o *PP* e mandar-nos à merda diretamente, dizendo-nos que buscássemos a vida e que acampássemos na *rua*, que não nos iam a facilitar em nada; e portanto assembleias que organizamos nós e que não veio ninguém, nos olhavam mal ou soltavam algum comentário “es que no tenéis...” ou “perroflautas”,<sup>20</sup> coisas assim. Insultos nós levamos de todo tipo; e passávamos e já era. E isto, gente que se dedicava a vir às assembleias para rompê-las e criticar-nos e dizer-nos de todo.

Foi interessante estar em cada povoado e escutar a gente, o que me marcou mais de tudo foi o que escutei nas assembleias, conversar com a gente, todo o tema da especulação, do caciquismo. Por exemplo, havia um castelo muito bonito, que o queriam restaurar, aí estava povoado e acima da montanha havia um castelo, em *Almunia*, já entrando quase em *Castilla*. E então haviam contratado uma empresa de um personagem famoso, relacionado com a corrupção, agora não me recordo [de seu nome]. Porém, bom, deram não sei quantos milhões para restaurar este castelo e desapareceram com o dinheiro, todos os andaimes ali no castelo. “Pues mira, como este castillo ya está destruido, si queréis podéis dormir ahí”. E passamos a noite no castelo. E depois em *Río Jalón*, havia muitos problemas também, se queria fazer uma transposição, isto implicava que muitas pessoas que tinham terras, cultivos e coisas iam ficar sem água, porque implicava tirar água à gente que vivia do campo. Estas eram as condições, de corrupção completamente, as licenças que haviam não estavam reguladas, se havia comprado o conselheiro municipal e coisas assim. Eu ia recolhendo numa caderneta e em cada assembleia passava a ata, recolhia tudo o que se falava. Como os *Diarios de Motocicleta*, de Che Guevara... Sobretudo o que realmente sim que se levou ao Congresso, se chegou a ler, o leu Llamazares,<sup>21</sup> me parece. Eu não o vi na televisão porque estava em Madrid.

<sup>20</sup> *Perroflautas*: expressão depreciativa para etiquetar os jovens com modo alternativo ou contracultural de se vestir de viver.

<sup>21</sup> Gaspar Llamazares, deputado da Izquierda Unida.

Quando chegamos a Madrid, acampamos no Prado e então nos isolou toda a polícia porque ao lado do Prado está o Congresso. E quando te viam com pintas assim, com a mochila e assim, pois te diziam: “Tú no pasas”. E tinha que dar uma grande volta para sair daí. E bom, havia dois caras da marcha de Barcelona que tinham uns trajes, não sei de onde conseguiram os trajes, estavam bem vestidos foram aí a frente da polícia: “Vamos a un hotel que hay aquí al lado”. E os deixaram passar, chegaram ao congresso não sei como e deram a folha com tudo o que se havia recolhido.

Creio que de fato esta marcha se organizou um pouco por este tema, porque claro o 15M se movia nas cidades, dos povoados se esqueceu um pouco. A gente do povoado que estava interessada no movimento tinha que deslocar-se até a capital para poder formar parte do movimento. Então a ideia era fomentar as assembleias em cada povoado, aonde se ia passando, porque mais ou menos abarcava a toda Espanha, não se pode passar por todos os povoados logicamente, porém por muitos sim. E isto promovendo o 15M, porque nas assembleias se insistia sempre: “Ahora nosotros nos iremos, pero vosotros podéis seguir reuniéndoos aquí y hablar sobre lo que estamos hablando”. E bom não sei até que ponto chegou às pessoas. A ideia principal era esta e, sobretudo recolher os problemas que havia e levá-los à Madrid. Esta era a ideia principal.<sup>22</sup>

<sup>22</sup> No blog da *Ruta* aparecem mensagens de agradecimento dos simpatizantes do 15 dos povoados por onde passou a Marcha: “Si la marcha de Zaragoza no hubiese pasado por nuestra ciudad y nuestro pueblo, si, habria estado en Madrid en la mani, pero me habría perdido formar parte de las marchas indignadas aunque haya sido solo un pequeño tramo. GRACIAS!!! Increible la experiencia e increibles vosotros y vosotras. Llegué a Sol tan emocionada como si hubiesemos hecho todo el camino junt@s. Espero que nos volvamos a encontrar..... Besossss” (Noelia, 25 julho, 2011 a las 2:59 pm). “Equipo!!!...sólo deciros una vez más que ha sido un regalo teneros en nuestra Plaza!, que alguien me preguntó si recibir a la Marcha era lo que esperábamos...y no fué capaz de decirle que no, ...que ha sido mucho mucho mejor...que no podría haberme imaginado lo especial que iba a ser, y el regalazo que ha supuesto, acompañaros, y sentirnos parte de algo tan grande!!! espero que nos veamos en Sol....sino seguro que en otra!!!..la lucha sigue!! un abrazo enorme a tod@s!!!” (Carol, 23 julho, 2011 a las 11:00 am).

**Figura 3.** O caminho do Sol: a Marcha Popular Indignada

Foto superior esquerda: <http://acampanalon.wordpress.com/2011/11/23/marcha-popular-indignada-ruta-noroeste-asturias-madrid-30-junio-22-julio/>.

Foto superior direita: <http://marchaindignadasureste.blogspot.pt/>.

Foto inferior esquerda: <http://www.unfotografo.es/2011/fotografias-marcha-indignada-manifestacion-madrid>.

Foto inferior direita: <http://www.unfotografo.es/2011/fotografias-marcha-indignada-manifestacion-madrid>. [Acesso: 21 de março de 2012, 2:58 pm]

## A chegada a Porta do Sol

No total recorreremos 314 km, de Zaragoza a Madrid, em duas semanas ou dez dias, não me recordo. Havia uma [coluna] de Barcelona que havia saído antes, esta era a coluna Nordeste. A ideia era as duas colunas irem paralelas e juntarmos-nos em Torrejón, que é uma cidade que está próxima de Madrid. Depois havia outra que saiu de Granada, outra de Teruel, outra de noroeste e do sul não sei quantas havia, de Valencia houve uma me parece.<sup>23</sup>

<sup>23</sup> Segundo a página web da Marcha Popular Indignada, houve 6 colunas principais: Noroeste (Galícia y Asturias), Norte (Euskadi, Nafarroa, Rioja), Norte-oriental (Barcelona), Leste (Valencia), Sul (Andalucía) e Extremenha, ademais com várias subrotas (com a de Canarias, Sud-oriental (Málaga), Murcia e a de Zaragoza ou da N-II). (Ver Figura 1).

De Zaragoza em princípio saímos três, em algum trecho fomos duas pessoas e outras que se iam somando, que nos acompanhavam uma etapa ou duas e depois se iam porque trabalhavam, tinham compromissos familiares e não podiam fazer toda a marcha, porém nos apoiavam como podiam. E já, por fim, numa cidade, depois de Torrejón, que era como um bairro destes que estão na periferia de Madrid, já viera um grupo de pessoas de Lleida a somar-se conosco. Neste momento já não éramos só os de Zaragoza, também os de Barcelona, e Teruel também se juntaram, e chegamos ao final, nos somamos às outras colunas e já éramos um montão de gente, com as outras que vieram desde o sul. Um montão, uma grande quantidade de gente de Barcelona, talvez umas 200 pessoas caminhantes, [no total um milhar poderiam ser]. Segundo íamos avançando se foi somando gente, ao final já não sabias quem era da marcha de Zaragoza, de Barcelona, de Madrid...

[O último dia] foi brutal, esse dia caminhamos como nunca, percorremos Madrid caminhando e já chegar a Porta do Sol foi brutal, que tinham aí tudo decorado, as pessoas tinham posto um montão de cartazes: “Vamos despacio porque vamos lejos”. Este era basicamente o lema da marcha. Não acreditava que havia chegado ai caminhando. Foi bastante duro, porque quando chegas a Madrid não chegas a Porta do Sol. É tão enorme aquilo, tínhamos que atravessar os bairros. Chegamos arrebetados a Porta do Sol, sem vontade de fazer nada, nem fazer assembleia, nem nada. Foi algo muito diferente, inclusive eu não estava muito a gosto, porque fazer um acampamento em cinco pessoas e passar a ser tanta gente, em parte estava bem, porém acostumado a uma coisa e depois passar a fazer com tanta gente, com tão pouca intimidade, era uma mudança muito radical, porém boa. Foi uma loucura, eu estava tão cansado, havia mil assembleias, havia uma assembleia para preparar à seguinte assembleia, que não se organizavam bem, o que na realidade é normal, com tanta gente. Eu estava acostumado aqui em Lleida que somos poucos e organizamo-nos. É que ali todo o dia com assembleias, pela



manhã, pela tarde, pela noite; eu só queria descansar. Estivemos uns 3 ou 4 dias acampados aí e, ao final, eu me fui antes do tempo; já se havia comunicado e eu não via sentido em seguir aí e, ao final, me fui: peguei um trem e me fui a Cuenca, pois minha família estava em Cuenca.

## O 15O e a internacionalização do movimento

Quando levantamos o acampamento [de Lleida], decidimos que cada dia 15, para voltar a recordar o 15M, fazer um acampamento esse dia. E, bom, o 15O trabalhamos muitíssimo os cartazes, não sei se há visto estes de luvas, com as caras dos políticos, os trabalhamos muitíssimo, passei horas colando cartazes por toda a cidade, foi bastante besta. E, bom, neste dia acampamos diante do Banco de España, porém fomos muito poucos; sim, as manifestações foram bastante numerosas, foram umas 2.000 pessoas. Isso dá muito mais força porque [te dá conta de que] não estás só e que há muitíssimo mais gente em todas as partes que fazem o mesmo que tu, isso dá muitíssima força, mais ânimo para continuar lurando. Há outra convocatória, de 12 de maio [de 2012], outra mobilização mundial, porém eu não a vejo como uma manifestação, se não como um reclamo para tomar as ruas outra vez e de fato estou tentando fomentá-lo um pouco nas assembleias para movê-lo. É para comemorar todas as mobilizações em todo o mundo: a Primavera Árabe, *Ocuppy Wall Street*; juntarmos todos e nesse mesmo dia voltar à rua, não só uma manifestação, senão voltar a tomar as praças, as ruas e tudo; e vamos ver se conseguimos aqui também voltar aos inícios. O que passa é que temos um grave problema que estamos tentando arrumar agora, é que não há transmissão de informação entre as assembleias, as comissões, as assembleias de bairros e se perde muitíssima informação; o que se faz na geral no chega aos bairros e o que se faz nos bairros não chega à geral. E eu sempre o tomei a sério, tenho sido o vínculo da assembleia de Cappont com a assembleia geral, sempre transmito a informação. O pro-

blema é que quando não posso ir, já não há informação. Estamos fazendo umas jornadas de reflexão para tentar mudar isso, por Internet, vamos fazendo lista de e-mails, reestruturando tudo para voltar no dia 12 com mais força que nunca, organizar-nos mais que no princípio. Em Zaragoza, Madrid, se fazem reuniões por Skype, também há uma comissão de comunicação, que significa falar com gente de outras cidades, de outros países. Nós não o temos feito nunca, nos faz falta.

A proposta logicamente e mudar todo o sistema, que está claro que não funciona, porém não pode se colocar como objetivo a mudança do sistema sem que se tenha que ir pouco a pouco mudando isto, mudando isto, mudando isto, mudar, sobretudo a mentalidade das pessoas, com os objetivos que nos temos marcado, sensibilizar às pessoas a que participem do movimento ou ao menos que se mobilizem. Creio que este era um pouco o objetivo, ir mudando pequenas coisas, o sistema eleitoral, a *dación en pago*,<sup>24</sup> não sei. Eu tenho sempre a Islândia como referência, que sim colocou a todos os banqueiros e políticos corruptos na prisão, e agora é o país com maior crescimento. Creio que é lógico seguir um pouco este caminho, logicamente não vão resolver todos os nossos problemas, que são maiores que isto, [porém] creio que é o caminho, não tolerar a corrupção, movimentar assembleias de educação, estamos implantando pedagogias alternativas, ver o que funciona e o que no funciona no sistema educativo, colocar estas coisas e propor uma mudança. Quando a gente se conscientizar creio que já virá só. A reforma do sistema eleitoral eu creio que sim pode se conseguir, se continuamos trabalhando nela, creio que a *Ley D'Hont* pode ser modificada, porque em si não é negativa, porém a aplicação da mesma é o

<sup>24</sup> *Dación en pago*: era uma reivindicação do Movimento 15M, inspirada na legislação vigente em muitos países para permitir que aqueles que não podem pagar a sua hipoteca saiam de sua dívida entregando o seu imóvel ao banco, modificando a legislação espanhola, segundo a qual, a *dación* não é suficiente e as pessoas e famílias desalojadas devem seguir pagando o que devem depois do leilão de seu imóvel, o que, às vezes supõe uma espécie de dívida eterna.

que faz que o PP seja maioria absoluta com um 46%, quando não é maioria absoluta. Depois o tema da hipoteca, a *dación en pago*, que a está impulsando o PP, todo mundo o toma como piada, é pura estratégia para [limpar] a imagem do partido. Porém o fato de que se esteja falando vai ser positivo, que logo se faça ou não é outra coisa.

A gente do 15M fundou a plataforma “*Afectados por Hipoteca*” é alheia ao 15M, porém vinculada porque a gente é a mesma. Eu estive a ponto de entrar, porém já estava tão a topo com a estrada, e no pude tomar parte, porém disse que sempre que necessitassem de gente que o dissessem, que eu não poderia ir às assembleias toda segunda-feira, porém ia apoiar as mobilizações que fizessem. E bom enviaram um e-mail dizendo que hoje iam desalojar uma família em Pardinyes, que se necessitava gente e fui pegar um carro e me fui para lá. Bom, basicamente te põe na porta para não deixar a polícia passar. O trabalho da plataforma é muito mais que isto, tem o assessoramento legal, buscam advogados, se reúnem com o banco, ou seja, um trabalho brutal. Eu só tenho ido a isso, a me por diante da porta. Começou a las 7h [da manhã], a polícia pode vir a qualquer hora; eu cheguei às 7h30, temos estado aí até que às 9h nos informaram que tinham decidido atrasar o despejo. Veio uma bancária do *Ibercaja*, que era a entidade que queria desalojar a esta família, e nos informou de que não se ia fazer o despejo hoje e, bom, nos recolhemos, peguei o carro e vim para cá.

### *No Future?*

Bom, [o 15M] a mim mudou-me bastante, tenho mudado muitíssimo desde o início do movimento. Eu havia perdido a esperança e queria ir embora daqui porque isto ia à merda. Eu queria ir à Alemanha ou um país nórdico, para acabar a carreira e seguir aí. Eu tinha perdido a esperança completamente, porque via à gente jovem que lhe passava igual todo o tema da corrupção,

da situação política e econômica, sobretudo ao meu entorno de amigos, só estavam interessados pelo futebol, pelos carros, sair para festas e me via sozinho, me via um bicho raro, que a mim não me interessa o futebol, havia perdido a esperança, a gente não se move, isto vai continuar a piorar, os sindicatos não funcionam, não me vai restar outra que sair deste país e votar pelo *No Futuro*.<sup>25</sup> Porém quando veio o 15M, vi tanta gente jovem implicada, com vontade de falar de política, para mim foi brutal poder sentar e falar de política com alguém da mesma idade, eu não havia vivido isto em minha vida.

Há que continuar lutando, não sei até que ponto conseguiremos algo, porém é importante continuar com as assembleias. Há momentos que é desesperador, que estejam cinco pessoas na assembleia falando e as pessoas passam e perdem a esperança. Bom está claro que há que fazer algo e se movimentar. Eu tenho a esperança de que a partir do dia 12 de maio voltar outra vez à rua, ao princípio e voltar a lutar, não sei muito bem como ver o futuro, porque está claro que a coisa cada vez está pior e a polícia está se colocando mais séria. Tem posto uma multa a três pessoas da assembleia, como organizadores de um ato que não havia permissão; tem posto uma multa de 70.000 euros. Ou acabamos todos na prisão ou nos arruinamos pelas multas. Foi um ato de protesto dois ou três dias depois do despejo, fomos com escovas a frente do *Ayuntamiento* para barrar, para simbolizar a limpeza que nos haviam feito, e, bom, é uma denúncia das três pessoas, que curiosamente são três pessoas que vivem em uma casa *okupa* daqui de Lleida. Creio que vai ser um pouco assim, colocando muitas exemplares para nos dar medo. Aqui em Lleida tão pouco tem havido uma carga policial como em Valencia ou Barcelona, pois tempo ao tempo ao final acabará passando e não sei como vamos reagir, pois é um movimento pacífico. De momento, eu não

<sup>25</sup> *No Futuro*: sem perspectivas de poder ficar na Espanha e ter que emigrar para outro país buscando melhores condições de vida.

vejo situações como em Valencia, que deram pontapés numa menina de 15 anos, pois aí já não vou atuar de forma pacífica, logicamente. Eu não sei o que vai acontecer a partir de agora, porém eu estou disposto a ir até o final. [O de Valencia e a manifestação de ontem, os vejo como] bastante positivos, com muita gente jovem, da *ESO*, dos institutos, em uma manifestação, estou supercontente como de ontem. E, bom, continuar assim, fazer mais mobilizações, assembleias em cada faculdade, em cada instituto, creio que este é o caminho para mudar as coisas.

Eu, o livro [*Indignáos!*, de Stephan Hessel] o li muito depois de ir aos acampamentos. Sim que fala muito de comprometer-se, bom este já é o título do seguinte, isto de indignar-se tem muita razão, porém não creio que foi o motivo principal para sair à rua, eu propriamente não fui às assembleias nem muito menos ao acampamento porque me dissera este senhor, porque houve isto aqui em Lleida e fazia falta e me somei. Bom, também as declarações que fez, dizendo que se tivesse que votar em algum político votaria em Zapatero, simpaticamente do PSOE, ou seja, que rompia um pouco com o que acabava de dizer no livro. No acampamento da Porta do Sol, o 15M já falava de “los indignados”. No sei de onde saiu exatamente. Suponho que antes de todo já foi saindo, do 15M como organização e os membros do 15M eram “los indignados”. Eu não o tomo como uma organização ou uma associação senão simplesmente [como] um movimento cidadão, em resposta à situação política bastante péssima. Sim, eu creio que sim, tenho motivos para seguir indignado, porém quando me qualificam se sou um indignado destes... Sou uma pessoa, sou um estudante e vou ali à praça falar com outra gente e colocar como mudá-lo, porém não sou, não formo parte de uma seita, por assim dizer, de indignados para conspirar contra os governos. Quando se fala do 15M sempre se tenta qualificar: “Tu eres un indignado, tu formas parte de esto”. Bom, formamos, todos deveriam formar [parte] de um movimento, chamem a ele como queiram.

## Epílogo: A utopia do 15M, cinco anos depois<sup>26</sup>

A utopia está no horizonte. Caminho dois passos, ela se afasta dois passos e o horizonte se distancia dez passos mais distante. Então, para que serve a utopia? Para isso, serve para caminhar.

(Eduardo Galeano, *El libro de los abrazos*, 1993)

Já se passaram quase cinco anos desde o início do 15M, porém, parece que se passou toda uma vida: em pouco tempo muitas coisas mudaram na Espanha, na conjuntura econômica, nos movimentos sociais, na atitude dos jovens e, sobretudo, na situação política. As recentes eleições gerais de 20 de novembro de 2015 proporcionaram a ruptura do sistema dos partidos surgidos depois da morte do ditador Franco em 1975. O *bipartidismo*, representado pelos dois partidos tradicionais (o PP, conservador e o PSOE, socialista), que se alternavam no governo, deram lugar a atores mais jovens que encarnam a “nova política”, como um partido de centro-direita (Ciudadanos) e, sobretudo a um partido-movimento surgido diretamente do 15M – Podemos e seus aliados -, que com 69 deputados e mais de 20% dos votos, venceram nas principais cidades e chegaram com força no novo Parlamento.<sup>27</sup> Faz um tempo, pedimos a Guillermo, protagonista e coautor deste texto, que escrevesse um epílogo com suas reflexões a respeito. Na sequência, propomos tomá-las como forma de balanço do que significou o 15M para o peregrino indignado e para toda a sua geração.

Alguns dirão que o 15M está morto, que aquilo que uma vez germinou nas praças de tantas cidades do mundo, murchou e simplesmente um dia deixou de existir. Meu ponto de vista é que, como em todo processo natural, a suposta morte deu lugar a

<sup>26</sup> Epílogo redigido por Guillermo Castro depois de celebrar o terceiro aniversário do 15M na mesma praça de Lleida onde ele acampou.

<sup>27</sup> Diante da presença de deputados sem gravatas, com tranças e *dreadlocks* no cabelo, de deputadas amamentando a seus bebês em seus assentos, um representante da “velha política” exclamou: “Viva a Efebocracia!”

novos brotos que foram conformando pouco a pouco novas lutas que continham a mesma essência do movimento 15M, esta aprendizagem, este empoderamento do uso de nossa razão para construir juntos em assembleia o mundo no qual queríamos viver, porém, sobretudo este reencontro com aqueles valores que nos fazem verdadeiramente humanos e que o capitalismo também se ocupou de destruir. Todo ele, graças também à concretização de objetivos tangíveis e próximos (nossos bairros, nossos ambulatórios, nossas escolas, nossas casas...), permitiu esse novo renascer que hoje tem formas de *mareas*,<sup>28</sup> de assembleias de bairro, de plataformas, coletivos, etc.

Por tudo isto, não posso deixar de estar mais de acordo com a afirmação de que o 15M foi antes de todo uma aprendizagem, uma bússola na imensidão do deserto que a muitas e a muitos de nós nos indicou o caminho a seguir para estarmos mais perto passo a passo desse horizonte, e que hoje em dia ainda seguimos recorrendo, as vezes mais lentos, as vezes mais rápido, as vezes com mais ou com menos companheiros de viagem, porém sem deixar nunca de caminhar.

## Referências

Bacon, F. (1980) [1627]. Nueva Atlántida. En VVAA, **Utopías del renacimiento**. México: FCE.

Campanella, T. (1980) [1623]. La ciudad del Sol. En VVAA, **Utopías del renacimiento**. México: FCE.

Feixa, C. & Nofre, J. (Eds). (2013). **#GeneraciónIndignada. Topías y utopías del 15M**. Lleida: Milenio.

Galeano, E. (1993). **El libro de los abrazos**. Buenos Aires: Siglo XXI.

<sup>28</sup> *Mareas* [Marés]: plataformas setoriais surgidas do 15M, identificadas por cores e especializadas em determinadas reivindicações temáticas: a maré amarela da educação, a verde da moradia, a branca da saúde, a vermelha da cultura, a granada da emigração (por causa da cor do passaporte espanhol), a negra da justiça, etc.

Moro, T. (1980) [1516]. Utopía. En VVAA, **Utopías del renacimiento**. México: FCE.

Prat, J. (2011) ¿Por qué caminan? Una mirada antropológica sobre el Camino de Santiago. In A.M. Nogués & F. Checa (coords.), **La cultura sentida. Homenaje al profesor Salvador Rodríguez Becerra** (pp.495-529). Sevilla: Ediciones Signatura Demos.

VV.AA. (1980) [1941]. **Utopías del renacimiento**. Madrid: FCE. Estudio preliminar de E. Imaz.